



Memória

EM 1992 ou 93, quando se começou a falar em uma grande Unidade Hospitalar que serviria o Vale do Sousa, foi a nossa Médica de família quem deu a notícia: — *Sabe como vai chamar-se o novo Hospital?! (...)* — Padre Américo. Foi um nome escolhido pelos médicos e aceite pelo Ministério da Saúde.

E embora só há pouco o projecto tenha sido concluído e começado a funcionar na maioria das suas valências, desde então assim se passou a chamar a Unidade que abrangia as instalações hospitalares de Penafiel e de Paredes.

A escultura da autoria de Irene Vilar é uma merecida homenagem a quem tanto fez a nível social. Pelo valor da sua personalidade, pelo exemplo dos mais altos valores morais e humanos, se fez este monumento a Pai Américo que nos permitirá tê-lo connosco diariamente como referencial do valor e do respeito que a essência humana merece.

(Director do Hospital)

Naturalmente, ficámos satisfeitos! Em primeiro lugar pela lembrança vir de quem veio. Depois, por ter sido aceite um nome sem afinidades políticas nem sugerido por qualquer efemeridade. Alguém da região, sim, e querido por todos, justamente porque ligado ao homem que sofre, não por qualquer empatia

mais ou menos abstracta, mas pela entrega da sua vida ao serviço dele — o que constitui uma promessa de perenidade.

Quando, passados poucos anos sobre a sua morte, se pensou e ergueu no Porto a estátua na Praça da República, nós, Obra, reagimos em desfavor da ideia e propusemos, até, outras formas para tornar presente a sua memória entre as gentes do Porto que ele tanto amou e que tanto o amaram. Convenceu-nos o argumento de que a sua figura exposta numa praça pública seria sempre uma interpelação mais directa, sobretudo para as gerações que não o conheceram.

Ali, na entrada do recinto hospitalar, a estátua simplesmente poisada num morro arrelvado, em jeito de semeador que vai nessa missão — ela não está por motivo de decoração ou para ilustrar o nome inscrito na frontaria; está como presença da Fé e da Esperança que desejamos anime os que entram em busca da cura dos seus males e fortaleça a certeza de que a vida, de cujo *ofício* temos obrigação até ao dia que Deus sabe, se há-de transformar, nesse dia, de *ofício* em participação gloriosa da Vida que Deus é.

Padre Carlos

ENCONTROS EM LISBOA

Aniversário

EM 4 de Janeiro de 2002, a Casa do Gaiato de Lisboa completou cinquenta e quatro anos de vida. Foi ocasião para recordar alguns momentos da sua fundação, descritos por Pai Américo: «*Era em Junho de 1947... Um mês depois, podiam ser vistas duas figuras de preto naquelas ruínas que foram outrora opulência... O ano de 1947 foi de trabalho no Tojal e nos primeiros dias do seguinte abriram-se de par em par as portas da Casa do Gaiato de Lisboa...*»

Verifiquei os registos de quantos rapazes passaram por aqui até aos dias de hoje e, nos livros, aparecem 1050 registados, dos quais 147 ainda aqui se encontram... Foi momento de louvar a Deus e agradecer. Recordei os tempos heróicos dos infícios e os seus obreiros. Lembrei os amigos que foram acreditando e aparecendo. Na Eucaristia lembrámos os que partiram, entre amigos e trabalhadores desta Casa, Padre Adriano, D. Virgínia e outros. Recordámos rapazes que também já partiram para a família do Pai. Lembrámos voluntários ainda vivos e necessitando da nossa oração como D. Helena. Padre Luís esteve presente no nosso pedido ao Senhor pela sua saúde... E, humildemente, pedimos que não nos falte, a todos os actuais membros desta família, a força para prosseguirmos.

Muitas vezes me perguntam pelo êxito e sempre fico sem jeito para responder. Podemos multiplicar os nomes de rapazes bem integrados na nossa

sociedade, mas sempre o espinho daqueles que falharam e nós sentimos que falhámos com eles... Que o Senhor os ampare!

Recordando estes cinquenta e quatro anos veio-me ao coração o canto de Maria: «*O Senhor olhou para a humilde da sua Serva... O Senhor fez em mim maravilhas*». Foram cinquenta e quatro anos de esperanças e sofrimentos. Grandes coisas o Senhor fez

com poucos meios e com as pessoas que, à partida, não teriam diplomas para tal missão, porque o diploma dos trabalhadores da Obra da Rua não está no papel, mas no coração. Vamos continuar e que sobre nós desça a bênção proferida por Moisés sobre Aarão e seus filhos: «*o Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor faça brilhar sobre ti a Sua face e te seja favorável. O Senhor dirija para ti o Seu olhar e te conceda a paz*». E, para além disto, poderei ousar também pedir que possa nascer no coração de homens e mulheres do nosso tempo um coração de pai e de mãe para aqueles que as vicissitudes da vida privou do que, por natureza, tinham direito.

Padre Manuel Cristóvão

Balanço do ano

O nosso balanço não se exprime em unidades monetárias, senão em valores que brotam da alma humana, da sua inteligência e vontade, e passam pelo coração do homem que os aquece e perfuma.

Não é a inflação de carinho com que o tempo de Natal nos inunda o que nos impressiona. É o caudal permanente, fora destas cheias sazonais, o indicativo de como a Bondade de Deus se reflecte no coração do homem e lhe imprime um dinamismo conatural ao Seu dada a referência da imagem criada para o Criador.

Deus concebeu o homem bom. E por mais que ele se afaste (ou pareça afastado) desta conceição, nunca apagará no mais profundo de si a nostalgia do Bem. «*Quem é aquele celebrado, aquele homem que o mundo teme e trata como um malfeitor?*» — perguntava Pai Américo. E respondia: «*É um que em pequenino*

não foi amado». E porque não foi, não aprendeu a reconhecer o Amor, nem a olhar com confiança e simpatia para o seu semelhante.

Daqui a sua célebre afirmação: «*Não há rapazes maus*». Daí a sua ousadia na confiança que punha nos homens. E a Obra da Rua, que ele gerou, é supremamente uma demonstração continuada ao longo de tantos anos da ânsia de bondade latente na alma humana, qual vulcão contido à espera de eclodir, o que depende só de que se rompa a crosta que tapa a chaminé pela revelação de sofrimentos e injustiças que ferem a Humanidade e podem ser debelados, já que não são evitados e tantos poderiam sê-lo. Para que esta bondade corra como lava de salvação, tem de ser tocado o homem todo: na sua inteligência, vontade e sensibilidade.

Pai Américo teve este carisma: Acreditou nesta necessidade de ser bom inata ao

homem e provocou-a mediante uma Obra que, para ser, poria à prova, todos os dias, esta bondade.

Estão a cumprir-se em breve setenta anos. A Obra da Rua que «*começou pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes*», tornou-se mesmo grande; a aventura da sua dependência desta bondade que não cabe em estatísticas, cresceu consequentemente. E a confiança de Pai Américo que, graças a Deus, temos guardado como a «*pérola da coroa*» da sua herança, apareceu-nos ultrapassada pela confiança com que o mundo nos dá a mão! Tivéssemos nós, de dentro, mais mãos — e não nos faltaria com que sustentar uma Obra ainda mais crescida, que pudesse acudir mais profunda e extensivamente a tantos excluídos que a sociedade produz.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OUTRA CASA — Nas vésperas de Natal demos luz verde ao mestre d'obras para a ampliação e reparação de mais uma casa para Pobres, que ora faz cinquenta anos, na qual viveram várias famílias. Recordamos essa gente, já nas Mãos do Senhor, cada qual com sua história. Alguns estiveram próximos da miséria. Parte deles subiram na vida..., antes de caminharem para o Céu.

A pobre mulher que ora lá está, na casa, é de meia idade. É viúva. Tem filhos. Vivia num pobre casebre. É trabalhadora doméstica. Procura ter o lar aconchegado. Dá força aos filhos para que estudem, aprendam a Catequese e, amanhã, sejam homens honestos, trabalhadores. Um deles é um pouco deficiente. Recebe formação específica numa escola especializada.

Radiante por conseguirmos fazer as obras — mais dois quartos, duas salas, um quarto de banho para limpeza e higiene da família, etc. — tudo o necessário para pessoas tão carentes.

A obra terá uma despesa superior a dois mil contos, aqui chegados pela mil generosidade dos nossos Leitores. São eles que investem anonimamente no ser e estar dos Pobres.

Naquele tempo (1951), nesta casa e noutras erguidas no País, Pai Américo aplicou, nelas, ofertas recebidas em Angola e Moçambique, e não só, de pessoas de todas as raças e cores, grande parte trabalhadores que ali ganhavam o pão, o seu salário.

A propósito da generosidade de todos esses Amigos, Pai Américo lembrou mandar cunhar umas placas de azulejo, postas nos cunhais das casas, quais lâmpadas acesas para todo o sempre, que respeitamos e conservamos com fervor, pois fomos testemunha dessas vivências na viagem a África que empreendemos — a bem dos Pobres.

VOZ DO PAPA — A Encarnação do Filho de Deus «é um mistério que transcende o homem e a história e ao mesmo tempo a penetra profundamente já que Jesus é a verdadeira notícia que supera todas as esperanças da Humanidade», escreve o Papa na sua mensagem a um Congresso recente.

Por isso, o ideal cristão é «infinitamente grande, imensamente belo, sumamente justo» e pede aos fiéis que contribuam a «mostrar aos homens do nosso tempo a racionalidade da fé, o humanismo da caridade e a energia construtiva da esperança, mediante o anúncio, o testemunho e a vida».

PARTILHA — Um cheque da assinante 32517, da Capital. «Fiquei impressionada com aquele casal que estava em perigo de perder a casa, em notícia de 23 de Agosto». Nós estamos a amenizar o problema e Deus permita, com o tempo,

consigamos aliviar a carga dessa família. Euros de Maria Áurea, também de Lisboa. Lembramos uma sua homónima, que Deus tem, que serviu a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Outro cheque, da assinante 34079, de S. Mamede de Infesta. Mais outro, de dois mil escudos, pela mão da assinante 10049, de Vila Nova de Gaia. «Contribuição de Dezembro», da assinante 53241, do Luso. Assinante 35919, de Algés: «Que Deus continue a dar-vos a Sua bênção pelo que contribuam para o bem-comum» — seis mil escudos.

Vem lá, agora, um antigo companheiro da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira, do Porto, assinante 11171, com quinze mil, «minha desobriga para com os Pobres da vossa Conferência». Assinante 60852, de Fânzeres: «Junto uma 'migalhinha' com muito amor e carinho. Adoro o Famoso que leio com muito respeito e admiração. Quando o leio, vou meditando os temas que passam aos meus olhos como um filme».

Temos agora a presença da assinante 31104, de Lisboa, com a habitual oferta mensal e «Deus ajude cada um a transportar a sua cruz. Ele próprio o disse: 'Toma a tua cruz e segue-Me. Com o seu Amor ela torna-se mais leve».

Assinante 19575, de Leiria, põe a assinatura d'O GAIATO em dia e destina «umas migalhas de euros para os Pobres. Não quero cartão de agradecimento nem sequer recibo» — acentua.

Mais euros, da assinante 23312, de Avanca. «Não faço sacrifício, apenas sinto responsabilidade em distribuir alguma coisa daquilo que o Senhor pôs nas minhas mãos, e que Ele me ajude a ser generosa».

Rio Tinto: O assinante 7377 presente com um cheque para O GAIATO e os Pobres. «Aprecio o vosso Jornal. Nunca deixei de o ler de fio a pavio. Tem-me ajudado a reflectir na minha vida pessoal».

Um vale de correio, de dez mil, da assinante 35614, para «os mais desamparados». De Fornos de Algodres, presença da assinante 63041, com «um pequenino cheque e junto à humildade do presépio prometo não esquecer os vossos Pobres».

E um leitor de algures: «Mais um ano se aproxima e o mundo cada vez mais conturbado. Eu costumava dizer que não gosto da festa mundana. Só se pensa... em muita coisa...!» Dez mil, da assinante 53744, de Braga, num sobrescrito por correio azul. Idem, de Coimbra: «O GAIATO faz-nos pensar fundo nos mais carenciados, ensinando assim a vivermos mais com o Evangelho». Sete mil, da assinante 33404, de Torres Novas, com cinco mil, para os nossos Pobres. Assinante 66545, de Braga, vinte mil. Idem, da assinante 7769, do Porto.

Fecha a coluna a assinante 28850, de Coimbra — onde nasceu a Obra da Rua. Agradecemos e retribuimos os votos de santo Ano Novo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Antes da Missa do Galo, nascimento do Menino Jesus, tivemos uma festa de que todos gostaram e apoiaram. Depois, houve cacau e muitas prendas que as senhoras e senhores mandaram para nós. Eram tantas que até sobram. Logo a seguir fomos, cada qual, para nossa casa e cama, pois já era muito tarde. Dormimos descansados e contentes. Quando acordámos, os mais pequenos já estavam a experimentar as prendas!...

Vítor («Botija»)

ANO NOVO — Alguns rapazes foram passar a festa com as suas famílias. Uns, foram no Domingo de manhãzinha; outros, no princípio da tarde. O regresso está marcado para quarta-feira.

Os que ficaram cá, também tiveram uma boa passagem d'ano. Entrámos com o pé direito. A nossa festa foi no bar com champanhe e uvas passas. Depois, cacau e, de seguida, fomos para a cama.

Ricardo A. Pereira

DESPORTO — O desporto, nesta Casa, está de pedra e cal. Os rapazes sentem alegria por defrontarem as equipas que praticam a modalidade, a nível nacional ou regional.

9 de Dezembro, recebemos o Futebol Clube de Alpendurada no escalão de Infantis. Não tinham ideia de como era a Casa do Gaiato. Conversámos com o treinador e para não fugir à regra, ele anda com a miudagem por carolice... e com algumas despesas à sua conta.

Foi um jogo bem disputado. Mais uma vez alguns dos nossos miúdos, deram nas vistas: Ricardinho Sérgio, Agostinho, Abílio e o «Pitanba». Este último, tem subido de rendimento. Não foi por acaso que marcou dois golos, e consegui dar mais ânimo à equipa. No final, o resultado foi-nos favorável.

Para além do galhardete, trouxeram uma lembrança engraçada: Uma pedra. Não é uma pedra qualquer. Toda ela é trabalhada.

16 de Dezembro, fomos visitados pelo C.R.C.D. Varziela em Inicidos. Para além das fotografias que tiraram às duas equipas, ofereceram uma bola, rubricada pelos atletas que defrontámos e aos quais ganhámos. Gente que veio na disposição de conviver connosco.

22 de Dezembro, os Infantis foram a Lousada, ainda a tempo de vermos os seniores do Lousada - Sandinense, que militam na 3.ª Divisão Nacional. Para os nossos rapazes, este jogo, teve uma particularidade: ver o n.º 6 da Associação Desportiva de Lousada, que foi gaiato. Embora o jogo não tenha sido fácil, acabámos por ganhar, mas, quase sempre estivemos a perder. Os nossos miúdos não estão habituados a jogar com a iluminação. Todos deram o seu melhor, e temos que destacar o Joel e o Luís Carlos. O primeiro, pelos dois golos que marcou e pelo seu comportamento durante o

jogo. O segundo, pela sua vontade de vencer e pela maneira como ocupou o lugar do Licínio que saiu lesionado. No final, foi-nos entregue um mealheiro, por iniciativa de um dos miúdos do Lousada, feito de uma caixa de sumo. Não sei se tinha muito ou pouco, mas uma coisa é certa, estava repleto de carinho e amor. Depois do jogo, veio a merenda oferecida pelo Lousada.

23 de Dezembro, recebemos os Inicidos do Custóias Futebol Clube. Os rapazes bateram-se lindamente. Começámos por sofrer o primeiro golo, graças ao Filipe Almeirim que deixou o seu adversário à vontade, e este não desperdiçou a oportunidade. Deu-me ideia que o Filipe queria fazer de pai natal. No entanto, foi sol de pouca dura. Depois de algumas rectificações, o resultado final, foi-nos favorável. Talvez em Março, seja a data mais indicada para nos deslocarmos a Custóias.

Enquanto jogávamos em casa com os Inicidos, os seniores deslocaram-se a Valpedre para jogar com o Atlético Desportivo de Valpedre, que apesar de terem sido prejudicados pela má arbitragem, não deixaram fugir a vitória com golos de Ilídio (g.p.), Daniel e ainda do Américo e «Pião» com dois golos cada. Segundo o Lupricínio, treinador dos mais velhos, a nossa vitória criou mau estar no seio do adversário. Pelo que conseguimos apurar, irão rolar cabeças.

Alberto («Resende»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

«(...) O aparecimento da estrela ligava-se com o nascimento do Messias, o Salvador. Surgiu, por isso, na alma, o desejo de O ver. Resolveram procurá-lo. Prepararam prendas e bagagens e com um séquito de criados e escravos, camelos e elefantes, puseram-se a caminho. E a estrela, vista no Céu, reaparece a dizer-lhes: — Segui-me, ensinar-vos-ei o caminho. De facto, guiou-os em direcção a Jerusalém. Chegaram à Cidade Santa as três caravanas... Mas, à admiração juntou-se um estranho temor quando os três sábios perguntaram onde nasceu o Rei dos Judeus. Seria possível um novo Rei? Se o seu rei era Herodes! A notícia chegou aos ouvidos dele, homem desconfiado, astuto e cruel. Herodes ficou a cismar. Chamou os seus escribas, cultos na sagrada Escritura e dos Livros proféticos. Interrogou-os e quis saber onde nasceu o tal Rei dos Judeus: — Em Belém — responderam. A tal resposta, Herodes não se alarmou pois sabia que em Belém só moravam pessoas humildes e pobres, também incapazes de usurpar um título real e o trono. Depois disto, mandou chamar os magos e forneceu-lhes todas as indicações da viagem para Belém. Aparentou serenidade, interesse pelo aparecimento do novo Rei a ponto de lhes pedir:

— Ide, procurai o Menino... e quando O encontrardes, dai-me notícias d'Ele, para que eu possa também adorá-lo.

Que hipocrisia! Os magos puseram-se a caminho e reapareceu a estrela que os guiava. No Céu a brilhar sobre as colinas da Judeia. Era o sinal, naturalmente, o Rei Menino achava-se fora das habitações, na verdade a estrela pousou sobre a gruta. Os magos compreenderam que aí se encontrava o Menino Rei Judeu. Era uma caverna aberta na rocha. As caravanas apearam-se e os magos para homenagearem o Menino.

(...) Este Rei divino e poderoso diante do qual se curvaram os Reis é Justo e Bom — é Jesus. O nosso Messias, o Salvador da Humanidade.»

Uma das viúvas que habitualmente visitamos está muito doente, na cama. O casal, que ele é muito doente e ela também tem uma doença grave, mas vai indo melhor. Os filhos, graças a Deus, estão bem. As outras pessoas, na medida do possível, vão vivendo um pouco melhor apesar das carências.

RECEBEMOS — Os nossos Amigos nunca se esquecem dos Pobres. António, com quantia certa. Assinante 28708, um cheque. Amiga, de Fiães, nunca se esquece, também, com uma linda mensagem. Maria da Graça, um vale do correio. Maria Otília, outro. Assinante 61627, não se esqueceu. Fernanda com um donativo. Judite, um cheque e roupa. Oferta da Covilhã. Assinante 47518 confessa: «com o donativo sentirá o coração mais alegre». Maria de Jesus, uma linda carta e um cheque. Outro, de Lourosa. De Oeiras, oferta. Mais uma de algures.

Retribuimos os votos natalícios. Bem haja e Deus vos pague.

Maria Germana e Augusto

TOJAL

FESTAS — Realizámos a Festa de Natal com um pouco de dificuldade devido ao atraso de orientação do programa, mas correu tudo muito bem.

Agora, vamos fazer uma reunião para combinarmos melhor o próximo programa das Festas anuais, ou seja, festas grandes. Daremos notícias brevemente.

ESCOLA — O primeiro período terminou. Nem todos tiveram o melhor aproveitamento.

Agora, começámos o novo ano e esperamos que seja de sucesso. Ano novo, vida nova!...

VACARIA — No Ano novo, o nosso Marco «Carocho» ficou em casa com muita satisfação para tratar das vacas. Ultimamente têm nascido muitos vitelos.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

VACARIA — Nestes dias, entraram na maternidade seis vacas. Destas, três já pariram vitelas, o que vai aumentar o número de vacas leiteiras.

Estamos a acabar as obras de um novo viteleiro. Os bezerros não vão apanhar tanto frio. Terão melhores condições...

RAPAZES — Um dos novos, o «Nininhas», atropelado por um jipe e foi parar ao hospital. Quando ia na rua com um colega de fora, desatou a correr para ir chamar outro rapaz e foi contra o jipe que ia a passar.

Quando o fomos visitar, após o acidente, nem nos reconheceu. Só no dia seguinte voltou para casa, para recuperar do choque.

TELESCOLA — Terminaram as aulas do primeiro período. O aproveitamento foi bom, mas com algumas negativas. O ambiente foi um bocadinho difícil por causa de um colega de fora. Esperamos que o segundo período seja melhor e os rapazes levantem as notas.

FUTEBOL — Recebemos uma equipa de infantis. A CheSetúbal. Foi o segundo jogo que com eles realizámos. Fora, perdemos por 5-3. Em casa, ganhámos por 9-1. Ambos os jogos terminaram com uma boa merenda e em saudável convívio. Esperamos novo encontro para o desempate.

ANO NOVO — Alguns rapazes mais velhos foram à passagem d'ano com familiares e amigos. Eu fiquei um bocadinho triste por não ter ido. Talvez para o ano vá! Espero que os que foram aproveitem e se divirtam.

Rui («Rato»)

OBRAS — Aproveitámos as duas semanas de férias do Natal para adiantarmos as obras nos quartos dos mais velhos. Fizemos a canalização eléctrica e uma parte dos esgotos. O tio Zé encarregou-se dos rebocos das paredes, enquanto os carpinteiros colocaram os aros para os roupeiros, tendo o sr. Aurélio a dirigir os trabalhos.

Fizeram-se também algumas melhorias nas casas de banho da casa dois e três.

René («Paisinho»)

LAR DE SETÚBAL — Aqui estão os estudantes do 7.º ao 12.º anos. No primeiro período de aulas uns estiveram mal, outros mais ou menos. Mas também houve quem esteve bem. Para os primeiros, esperamos que no segundo período estudem muito mais, para serem melhores que os que estiveram bem. É preciso que tenham força de vontade para estudar. Quanto os que estão melhor, continuem assim para serem alguém na vida.

Nelson Lima

Momentos

Chamar à ordem

NUM Domingo cheio de visitantes vi-me obrigado a chamar à ordem uma senhora que distribuía bombons a torto e a direito por todos os meninos.

Se esta Casa tivesse, em cada fim-de-semana, uma só destas visitas, os gestos teriam resultado insignificante.

Dar guloseimas a uma criança é prazer de que muita gente gosta, embora não seja tão legítimo como parece.

Os pais ou os tutores, sim, esses têm o direito a tal gozo. Corresponde ao dever de velar por uma equilibrada alimentação. Os de fora, não.

Mas se vierem dez senhoras ou senhores em cada fim-de-semana com o mesmo intuito?! E se vierem vinte ou trinta!

As pessoas nem pensam. São levadas pelo coração. Doem-se dos pequenos. Querem compensá-los, mas fazem muito mal.

Os desequilíbrios que isso provoca! As dores de barriga. Os enjoos! As indigestões.

Nós, depois, queremos que eles comam a sopa, o peixe, a carne, não lhes apetece.

Quem é o culpado? — Tu que não respeitas a criança.

Trazes mimos? — Entrega-os a quem assume a nobre missão de os dar!... Não devido tempo e na medida exacta.

O mesmo se passa com o dinheiro. Vêm os visitantes pôr dinheiro nas mãos dos rapazes.

— É agradável? — Naturalmente, tanto para quem recebe como para quem dá.

Pensam os nossos Amigos, que por estarem na Casa do Gaiato, os pequenos já são amadurecidos. Esquecem-se do mundo de onde eles vêm.

Depois, os grandes roubam ou subornam os miúdos e a gente encontra grupos a fumar, caixas de tabaco no chão, e *piriscas* por todo o lado! De quem é a culpa?

Se damos dinheiro aos rapazes, controlamo-lo.

Todos são habituados a andar com uns cobres no bolso e a economizá-los! Mas se és tu?!... E são miúdos. Quem controla?

Tem pena dos pequenos. Não dês cabo da vida deles nem da nossa.

Em Casa há sempre alguém capaz de receber e dar!

«Não há rapazes maus.»

Ninguém sabe disso melhor do que nós! Mas, não os façam.

Privar os rapazes de fazerem o mal

OPORTUNIDADES de fazer o mal são, na Casa do Gaiato, um grande instrumento de educação.

Os nossos pequenos, para se emendarem, têm necessidade de experimentar as quedas.

Pelo facto de os termos em plena liberdade e num ambiente de amor e justiça não podemos esquecer de onde vieram. Se alguns não

adquiriram determinados vícios, outros há que não se livraram deles. Daí a necessidade de aberturas! Ter tudo fechado é mau.

O Quaresma é um rapazinho interessante, os seus onze anos apresentam-no vivo e ladino. Na festa do Natal, a dançar, foi dos que mais brilharam no palco. Rapazes assim serão amanhã os pilares da Casa.

Não gosta da sua obrigação. Foge quanto pode. O próprio interesse alarga-se por vários horizontes de modo que a concentração no trabalho é diminuta.

Há dias, apanhei-o a roubar.

Com brinquedos e roupas, uns visitantes trouxeram também doces, pastas e escovas de dentes.

Tudo ficou depositado no corredor que dá para o balneário que ele limpa.

Ora eu estava na casa de banho e ouço mexer. Saí repentinamente e, já só vislumbrei uma sombra a fugir sem me certificar de quem seria. Grito. Peço socorro aos da tipografia. Eles vêm e apanham o Quaresma atrás da porta com uma pasta e duas escovas na mão muito bem escondido! Foi uma atrapalhão para o gracioso rapaz.

Não conheço a sua história nem a razão que o trouxe para esta Casa, mas adivinho-a.

Instado muitas vezes, porque se havia escondido, permanece mudo, de olhos no chão, sem saída.

São momento dolorosos, mas muito ricos, estes que o Senhor me proporciona com os nossos filhos.

Depois de muito apertar, lá saiu o desabafo:

— Estava com medo!

É a história da primeira queda do homem. Causou-lhe medo.

Não tenho outra visão do homem senão aquela que a fé nos dá. Por ela e pela história dela, na vida humana, a gente aprende a conhecer-se e a adquirir pedagogia construtiva.

— Tinhas medo de quê?

— De ser castigado!

— Mas já alguma vez te castiguei?, insisti para que ele confessasse. — Nunca te fiz mal. Gosto tanto de ti. Ia, agora, castigar-te?

— Porque é que tinhas medo?... Não seria por teres roubado a pasta e as escovas?

— Era, sim, senhor!

Ora aí está a fonte do medo. O mal. O roubo. A injustiça.

Enquanto estas enfermidades viverem no mundo, sempre o homem há-de ter medo!

E que medos, agora, meu Deus?!...

A guerra não os mata, aviva-os. É bom que os erros além de denunciados, sejam castigados. Mas é obrigatório ir-se às raízes e arrancá-las. Elas são sempre injustiças. Também o nosso menino acarreta em si, na história da sua vida, já muitas injustiças.

À Casa do Gaiato compete saná-las.

Terá de roubar muitas vezes, para ser, outras tantas corrigido. Até se capacitar que o seu instinto contra a injustiça só se sara com a justiça do seu proceder.

Roubar é um acto injusto. Mesmo que seja legal como há tantos. É roubando que o Quaresma há-de aprender a respeitar o bem alheio ou comum como era o caso.

Com tantos remoinhos na cabeça a criança é de um encanto irresistível.

Com os que tem no coração ainda se torna mais sedutora.

Padre Acílio

— Olha, que lindo! O Menino é mesmo igual ao nosso.

Escutei e disse baixinho, com medo que me ouvissem e não gostassem:

— Não será antes o contrário? O vosso é que é igual àquele?!

Perceberam-me, graças a Deus.

Sempre o nós, o nosso. Nunca o ele nos sai em primeiro lugar. É a raiz do pecado original a dar os seus rebentos. É o lixo que temos de limpar, de filtrar, sempre que abrimos a boca.

Padre Baptista

A vida é bela!

Ela
É bela
Mas só para quem sabe
Compreendê-la

E amá-la
Só quem vive em simpatia
[com ela.

Só esse é que viverá
E verá
A sua beleza.

Adão Fonseca

DOCTRINA



Que a sociedade veja!

FOI no dia 24 de Maio de 1944, na cidade de Lisboa, e às primeiras horas do dia. Eu tinha ido, ali, em serviço dos meus amores. O dono de certa papelaria aren-gava à porta com um garoto dos jornais fígado pelo pescoço. O povo estaca. O monte cresce. Comenta-se: «Olha agora, envergonhar assim a criatura!» Daí a nada, chega um polícia que conduz o rapaz filado da mesma sorte; e a pasmaceira debanda.

FUI à esquadra. Dentro, uma data de guardas à roda do vendedor de jornais. — Que é que você deseja? — Falar ao oficial de dia. Não estava. Um subalterno de três divisas fazia perguntas e tirava de dentro das algibeiras do ladrão ganchos de arame, chaves falsas, carteiras vazias; e, da saca dos jornais, o roubo daquela hora: duas revistas e um livro de leitura. — Dê-me este rapaz, meu senhor. — É um bandido! — Pode ser que o seja, mas ainda não é. Dê-mo. — É perigoso! Estamos a levantar o auto. Vai seguir o seu destino! Lancei os meus braços sobre os ombros do bandido, amorosamente. Soube que mora numa barraca, que a mãe vende jornais. E arrisquei mais dois murmúrios. — Não foi por mal, senhor guarda; dê-me o rapaz. — Que não.

DESCI à Arcada tratar dos meus negócios, com este caso do dia escondido dentro do peito. Tudo naquela tarde me pareceu pequeno; a grandeza do que eu tinha visto e ouvido na esquadra, ofuscou-se e diminuía pessoas e palavras. E eu ouvi tantas, tão lindas, a pessoas tão gradas! Regresso das voltas, à noitinha, cansado e triste. Sobre a mesa do hotel estão os jornais do dia. Abro ao acaso o *Diário de Notícias*. Vinha lá que em Bruxelas, oito bandidos armados entraram em um Banco, amordaçaram os funcionários, convidaram o tesoureiro a abrir o cofre e foram-se embora com três milhões de francos belgas...!

É muito mais fácil a mim o pedir crianças nas esquadras do que o dá-las. As sociedades regem-se por leis: «Estamos a lavar o auto». Mas o tempo virá em que os regentes das Casas do Gaiato hão-de ser portadores de título oficial para resolverem, sumariamente, em casos semelhantes, o assunto mais grave dos nossos tempos, qual é o da delinquência infantil. Não vão seguramente acabar, mas sim diminuir o número dos bandidos. Hão-de vir tempos. Por enquanto não, que é cedo. Estamos justamente a dobrar o cabo dos reparos, das críticas, dos ataques, das reticências — a maneira mais angélica de botar abaixo — e das expectativas: «Por enquanto não se sabe, vamos a ver...!»

HOMENS experimentados na rotine dos séculos hão-de necessariamente pôr de quarentena a doutrina endiabrada das Casas do Gaiato; ela é simples demais para quem fez e ama o complexo. É a hora dos sofrimentos. O grão de trigo morre debaixo da terra e só depois é que dá fruto. E se não morrer, não dá fruto. Outros virão colher na alegria o que hoje se semeia em lágrimas. É tão doce o compreender! «Senhor, que eu veja!» Hão-de vir tempos.

MESMO que não por outro amor, parece que o dos cofres deveria ser mistério suficiente para jamais se permitir que um menor entre sob prisão nos cárceres dos bandidos — «roubaram três milhões de francos belgas». Mas ele há razões muito mais altas — o poder de irradiação das almas — que de maneira nenhuma se podem isolar. O Mal é uma força do espírito e comunica-se. Ora eis, claro que as leis sociais são sempre feitas para o bem-comum. As da escravatura, naquele tempo, também eram consideradas um benefício social; e daqui nasce que os homens responsáveis pela sua abolição foram mártires. Hoje não, a consciência pública não tolerava escravos nas feiras. Pois é necessário que as pedras das ruas se levantem, sempre que vejam passar um menor para os calaboiços, à espera de destino — que ele não pode haver para o menor e para nós um destino pior! Tenho dito. Se não está certo, emenda.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

CALVÁRIO

Presépio

TODOS temos em nós o pecado original bem radicado. Ele encontra-se no mais profundo, no mais recôndito de todos nós. Transpira por todos os poros, por todos os sentidos, por todos os membros — pelas mãos, pelos pés, pelos olhos, pela boca e pelos ouvidos — por todos os lados. É precisa muita atenção para o filtrar. É necessário mesmo um filtro em cada poro, em cada sentido, em cada membro, para que tudo saia de nós puro.

A manifestação mais poderosa do pecado original a aflorar continuamente é o EU e o NÓS.

Hoje dou com duas pessoas a contemplar, interessadas, fotografias sobre Assis que revista católica, bem ilustrada, ostenta em suas páginas. Estas senhoras acabam de fazer o presépio na paróquia e desejam colher mais ideias para ele. Pegando com ansiedade na revista, apoiam o braço no ombro uma da outra e ficam delicias com os pormenores mais deli-



cados que as referidas fotografias apresentam.

A primeira é do Menino Jesus, em barro amarelo, muito enrolado em faixas da mesma cor. Delicioso. Dois frades franciscanos depõem-no no local histórico em que S. Francisco inaugurou o primeiro presépio.

BENGUELA

A alegria dos Pobres

ESTOU a escrever no último dia do ano 2001, ao som de cânticos e danças. Não posso estar triste ao ver a alegria dos Pobres que agradecem, a cantar, os mimos pequeninos que lhes damos nestes dias de Festa. Oh, se soubéssemos o bem que fazemos quando nos esquecemos um pouco de nós mesmos? É loucura? Assim pensa o mundo quando sente fugir-lhe a presa que é o nosso coração. Liberta-te e voa como os passarinhos. Vem à Festa. Participa do Banquete dos que são chamados filhos. Todos somos irmãos. É a notícia alegre da Festa do Natal.

O momento agora descrito é a continuação do dia de ontem. Na Liturgia foi a Festa da Sagrada Família. Ao pensar na família lembro todos os que estão connosco. Não têm família de sangue. O apelo da família é muito forte. Por isso constitui um direito que todos os filhos têm. Já que não podemos dar-lhes a família natural, queremos ser para eles a sua Casa de família. Levanto meus olhos, em redor e ao longe, e que vejo? Multidão de crianças que nasceram e continuam a nascer fora do lar. Como vai ser o seu futuro? A rua espera grande parte delas. É verdade. Muitas crianças

continuam a vagar pelas ruas porque lhes falta o lar estável, onde o pai e a mãe façam vida de família.

O dia de ontem foi muito bonito para nós. Catorze filhos foram baptizados e mais três fizeram a sua primeira Comunhão. Somos uma família cristã. Este é o nosso projecto: ajudar a fazer de cada rapaz um homem que leve em si mesmo uma vocação divina.

Que o Senhor abençoe a nossa vida no novo ano e a de todos os que nos acompanham.

Com um abraço de Boas Festas,

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

O nosso Natal

A festa do Natal trouxe até nós muitos Amigos. Vieram muitos, pessoalmente, a maior parte, porém, através do correio.

Mensagens cheias de beleza e partilha fraterna. Não pode ser senão a presença do Espírito de Deus que faz acordar tantos corações. Não sei se nós próprios, e, connosco, os nossos, somos capazes de agradecer como convém...

Vieram de todos os lados mensagens escritas com o coração. A Cidade de Coimbra, em primeiro plano. São Amigos da Obra da Rua, de há muito. Gente que conviveu e se recorda da bondade imortal do Padre Américo. Nomes, que pela persistência, se nos tornaram já familiares e outros novos como aqueles industriais de lanifícios do Norte que vieram por aí abaixo com roupa de marca e os primeiros euros que recebemos. Também das Beiras, principalmente de Castelo Branco, Alcains, Covilhã, Sertã, Figueiró dos Vinhos, Leiria e Figueira da Foz. São presenças que compensam algumas ausências — que as há também...

É muito estimulante sentir a Obra da Rua e a sua acção junto dos mais desfavorecidos é motivo para muitos, ditos favorecidos, viverem de uma forma mais autêntica esta época do Natal. Pensamos naquele senhor engenheiro que sem estar zangado com o pai natal nem desconhecer o brilho que traz aos olhos dos mais pequenos, resolveu dar todo o seu dinheiro de prendas aos gaiatos... Uma reacção pouco comum, que exige muita coragem contra a corrente consumista.

O nosso Natal! Gestos tão simples como serem os rapazes a fazer as filhós, amassar o pão e deitá-lo ao forno; a levantarem-se ainda cedo no dia de Natal para assar os leitões para o almoço...

Ainda, dias antes, a preparação do presépio com toques pessoais da arte que anda escondida em cada um. A limpeza da Casa, o enceramento de certas zonas há muito carentes; eles, rapazes de quinze e dezasseis anos de braços estendidos, rentes ao chão, espalhando e fazendo espelhar... Gestos diferentes de certos, tão distantes, de preparar o Natal. Depois, um jeito na mais demorada e difícil, a preparação da alma. Aí, gente de testemunho e caminho feito, sem forçar, que Deus vem com jeito. Padre Francisco e catequistas e os rapazes do Crisma com aquele auto actualizado do Natal, oferecido a todos nós. ao princípio da noite, a oração em família. Falamos dela; da que somos aqui, em Casa, e da que anda sem sabermos bem por onde. Rezamos por todos, que Deus é Pai. Um pouco mai tarde, a consoada. O bacalhau veio dois dias antes de Figueiró, como é costume. Perto das onze, a Missa do Galo. Os mais pequenos de olhos vivos prò Menino e nós lá vamos pelo beijo que eles mereciam, cantando melodias de Natal.

Que dizer mais das verdades do Natal quando temos por certo que esta moldura humana o torna presente em cada dia do ano? Venham voluntários e aprendam ao lado dos nossos que Jesus Menino anda por perto.

Padre João



Na Casa do Gaiato de Setúbal os «Batatinhas» mondam os canteiros como quem brinca.

SETÚBAL

Distribuidores d'O GAIATO

HOJE foi dia de venda d'O GAIATO. Uma vez mais, o Famoso andou na mão daqueles que são a causa da nossa existência.

O nosso Jornal é diferente dos outros. Estes, habitualmente, falam de vidas e acontecimentos de outros, que não daqueles que os fazem. O GAIATO fala de si mesmo. Por isso, quando o pequeno distribuidor vai pelas ruas, igrejas ou hipermercados das cidades onde vivemos, leva a sua própria vida nas mãos para ser partilhada por quem o acolhe.

Associado ao Jornal está o senhor deste mundo, o dinheiro, que os nossos Amigos oferecem aos rapazes. Ele é sinal do valor atribuído ao rapaz e à Obra da Rua a que ele pertence. A grandeza da oferta não pode ser medida pelo pequeno ardina, pois está escondida nos corações de quem dá. Usamos as armas deste mundo para suplantar os egoísmos que lhe são próprios, convidando a expressões de amor.

Melhor do que ninguém, é o rapaz a levar O GAIATO a quem o há-de ler. A presença dele é uma prova testemunhal daquilo que ele transmite. A imagem e a realidade estão simultaneamente presentes quando O GAIATO anda nas mãos e na boca dos gaiatos:

— Deseja comprar o Jornal O GAIATO?

Quem ainda não sabe, pergunta:

— Quanto custa?

E o rapaz responde:

— Quanto quiser dar!

De facto, a vida do rapaz não tem preço nem o trabalho que com eles fazemos.

Porque é um acontecimento da vida quotidiana, na distribuição do Jornal acontecem factos comuns à vida em sociedade. Desde que saem de Casa até que regressam, os rapazes fazem um sem número de experiências que os põem à prova e lhes dão o sentido e o valor das coisas e de si próprios.

Quantas vezes os nossos Amigos, e quem nos vai conhecendo através do contacto com os vendedores, se nos dirige com palavras de admiração pelos pequenos que encontraram na venda! — Muitos estímulos lhes hão-de dirigir nesses encontros.

Quantas lutas não travam os rapazes dentro de si mesmos, tendo a possibilidade de gastar o dinheiro que lhes foi confiado, mas de que não são administradores, donde saem muitas vezes vencedores?!

No meio desta sociedade gastadora e consumista, o gaiato-ardina é sal e fermento, é uma bandeira hasteada que apregoa valores tão falados, mas pouco praticados: fala dos que estão longe e dos que estão perto; fala do real da vida e dos sonhos de Natal; fala do presente que temos e do futuro que desejamos; fala às consciências!

Será que fala? Não será o homem, hoje, existencialmente cibernético? Não estaremos de tal modo programados que perdemos a liberdade?

O GAIATO quer ser Palavra, um espelho que reflecte a Luz d'Aquele que dá vida a corações capazes de amar. Chama ao amor — olha os bracitos do «Quim Mau» estendidos para ti na primeira página! Pois só quem ama é livre.

Padre Júlio

Balançaço do ano

Continuação da página 1

O GAIATO é o grande instrumento. Quando tantos Leitores tocados por ele, marcam sua presença doridos por ela não ser mais ampla e eficaz perante as dores que o Jornal lhes revela — nós dizemos que o Famoso o é por isso mesmo: o mais optimista, o mais saudável, o mais feliz jornal do

mundo, na medida em que causa inquietação nos homens e mostra os seus efeitos de remédio em tantos bens que só a nossa humana limitação impede de serem maiores.

Com humildade o penso e sinceridade o digo: Seria um grande prejuízo para a Nação que a sua difusão sofresse estorvo.

No ano que findou, o porte pago foi, com certeza, um momento muito alto de preocupação. Ainda lá estão, «penhorados», seis mil contos das quatro edições que saíram durante o mês e meio que

durou a suspensão do direito e que em direito (reconhecido por perito de alto nível) nos são devidos.

Com esta edição começa a nova tabela da nossa participação nos portes, que passa ao dobro da anterior, a cerca de duzentos e cinquenta contos cada quinzena. O que virá depois...?!

Contamos com o bom senso de quem esteja no leme deste pelouro da Res Publica e, seja quem for, se não conhece, procure conhecer o trabalho de mobilização que O GAIATO tem feito em prol de um pouco mais de justiça social posta em prática.

Certos de que viver é lutar, não nos surpreendem as dificuldades. Mas sobre todas prevalece a paz de um saldo tão positivo como o é o provado reconhecimento da Bondade de Deus actuando pela bondade dos homens em contrabalanço de tantos desvalores que mancham a face da Terra.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Não é por mal, mas faz-se tanto mal no Mundo com a vida do mundo!

PAI AMÉRICO